

Professor quer livro regionalizado

Há uma grande diferença entre os estudantes do Pará e os de Porto Alegre. "Nossos alunos têm acesso a livros, aos meios de comunicação, viajam. Grande parte tem computadores em casa", conta a vice-diretora do Instituto de Educação da capital gaúcha, Ana Maria Paixão.

A escola tem uma biblioteca onde figuram as tradicionais enciclopédias e os livros didáticos. Mas, além disso, conta com uma coleção de livros de ficção que inclui exemplares de Clarice Lispector, Raul Pompéia, Guimarães Rosa, Balzac, Machado de Assis e muitos outros.

A biblioteca recebe, também, os principais jornais de Porto Alegre e várias revistas de circulação nacional (Veja, Super Interessante, Ciência Hoje, Geográfica Universal).

As sete mesas de cinco lugares na biblioteca costumam ser insuficientes para os 2.800 alunos do colégio. "Na época do fervor, falta lugar", diz Ana Maria. "Os alunos se interessam por leitura. Eles não vêm aqui só para estudar. Mas também para ler jornais e revistas", completa. O colégio tem ainda outra biblioteca, especializada em literatura infantil.

Em Belém, o Colégio Barão do Rio Branco, que pode ser comparado com o Instituto de Educação pela localização (perto do centro), pela tradição (cerca de cem anos de existência) e pelo porte (1.600 alunos), não tem biblioteca. Não possui acervo nem espaço para uma. O prédio foi tombado pelo patrimônio público, o que impede reformas para abrigar a biblioteca. Além disso, não há dinheiro para construir uma.

As professoras do Rio Branco reclamam dos problemas causados pela centralização da produção dos livros. "As cartilhas, por exemplo, falam de uva, pêra e maçã, frutas que os alunos daqui mal conhecem, ou nunca viram. Jamais aparecem açaí, cupuaçu, manga", critica a professora Regina Coeli Coelho, que dá aulas para a 4ª série.

REALIDADE

As lições de Geografia e História padecem da mesma doença, reclama Regina. "Os livros trazem uma Geografia que não é nossa. É sempre nacional. Por que os autores não se preocupam em regionalizar os temas? A criança não aprende sobre a História e a Geografia regionais. O texto deveria ser adaptado à sua realidade. Fala-se tanto em Amazônia no mundo inteiro. Só nos

livros didáticos daqui é que não", diz.

De acordo com técnicos da Secretaria de Ensino Fundamental (SEF) do MEC, os livros foram escolhidos pelos próprios professores. A escolha, porém, foi feita em base a uma lista preparada entre a SEF, MEC, representantes dos editores e dos autores. Mas não dos professores.

Em Novo Hamburgo, cidade de colonização alemã a 45 km de Porto Alegre, também há a reclamação quanto à falta de regionalização dos livros. "Tem textos que não se adaptam à nossa realidade, com dialetos de outras regiões do país", diz a diretora da escola Elvira Brandi Grin, Elaine Borges, entre goles de chimarrão. "Seria melhor que o município comprasse o livro, mais adaptado à realidade do lugar", sugere. (WB e WP).